

Arábia Saudita e Segurança Regional após as Revoltas no Mundo Árabe

Saudi Arabia and Regional Security after the Riots in the Arab World

Marco Cepik*

Pedro Borba**

Pedro Brancher***

Boletim Meridiano 47 vol. 13, n. 130, mar.-abr. 2012 [p. 44 a 49]

A Arábia Saudita desempenha um papel fundamental na segurança regional do Oriente Médio. Com a maior produção de petróleo do mundo, uma capacidade militar convencional significativa e seu papel de guardião dos santuários e preceitos islâmicos, o reino saudita é um pólo de poder regional e uma peça relevante da política mundial. Nesse artigo analisamos os desafios impostos à política externa e de defesa saudita após as convulsões políticas no mundo árabe e no Oriente Médio em 2011, com atenção especial à crescente contestação doméstica contra monarquia e às relações entre a Arábia Saudita e o Irã.

Na primeira seção avaliamos os principais condicionantes da política de defesa saudita. No âmbito internacional, a política externa saudita é marcada pela parceria informal consolidada com as potências norte-atlânticas, nomeadamente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Contudo, na medida em que essa aliança mostra sinais de enfraquecimento, a Arábia Saudita está buscando uma maior autonomia, por meio de uma política regional mais assertiva e pela busca de novos parceiros inter-regionais. Internamente, o Estado saudita enfrenta problemas socioeconômicos, violência entre diferentes grupos religiosos e pressões por uma maior liberalização política. Como se verá, o substrato dessa tensão doméstica é a gradual transformação da sociedade saudita e a disputa em torno dos marcos políticos, religiosos e morais em que a modernização do país deve ocorrer.

Na segunda seção consideramos especificamente as políticas de segurança e de defesa saudita, assim como a situação de suas Forças Armadas e suas capacidades estratégicas.

Na terceira seção analisamos as relações entre a Arábia Saudita e o Irã, sob a perspectiva das recentes revoltas no mundo árabe. A rivalidade entre Arábia Saudita e o Irã situa-se no contexto histórico de riva-

* Professor associado de Política Comparada e Segurança Internacional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, onde exerce a função de coordenador adjunto do Programa de Estudos Estratégicos Internacionais – PPG EEI e de diretor do Centro de Estudos Internacionais de Governo – CEGOV (mcepik@gmail.com).

** Mestrando em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – IESP-UERJ (pedro.santos.borba@gmail.com).

*** Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e bolsista do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais – NERINT/UFRGS (pedro.txai@gmail.com).

lidade entre as vertentes sunitas e xiitas do mundo islâmico. Além disso, o desenvolvimento do programa nuclear iraniano, a consolidação do vizinho como potência regional e o aumento de sua influência tanto no Iraque quanto na Síria são percebidos como ameaças à posição da Arábia Saudita. Nesse contexto, os sauditas temem que a esfera de influência iraniana possa aumentar caso as recentes sublevações de populações xiitas na região ganhem força. O envio de cerca de mil soldados ao Bahrein para conter os levantes xiitas, que são maioria nesse país, e salvar o regime sunita do rei Hamad bin Isa al-Khalifa demonstra o comprometimento do Estado saudita nessa disputa. Ademais, a própria Arábia Saudita abriga uma minoria xiita que compõem cerca de 10% da população e está concentrada no nordeste do país (onde se localizam as maiores reservas de petróleo) que, na esteira das revoltas que emergiram em 2011 no mundo árabe, estão protestando por melhores condições de vida na província Sharqiyah e sendo continuamente reprimidos.

Avaliando a conjuntura doméstica e internacional da Arábia Saudita

A formação do atual Estado saudita finalizou-se em 1932, quando a Casa dos Saud conseguiu unificar boa parte da península arábica. A partir de então, o conservadorismo proveniente da doutrina religiosa wahhabita, as peregrinações muçulmanas a Meca e Medina, a ajuda conservadora prestada a todos os Estados islâmicos e a aliança com as forças armadas estadunidenses, fizeram da Arábia Saudita o centro do Islã sunita, unindo fé integral e modernismo (ROCHE, 2011).

A parceria estratégica com os Estados Unidos é uma das pedras angulares da política externa saudita. Como afirma Silvia Feraboli, “a própria sobrevivência do reino saudita está na sua colaboração com o ocidente e é por isso que a Arábia Saudita se comporta como uma grande aliada dos Estados Unidos desde sua formação, em 1932” (FERABOLLI, 2005, p.176). Em troca da garantia da estabilidade nos preços do petróleo, o regime saudita recebe proteção e o apoio militar das potências ocidentais.¹ Durante a guerra fria, essa parceria se desdobrou em um esforço comum contra o comunismo (no Afeganistão) e o radicalismo religioso (no Irã), e, com a Guerra do Golfo, o território saudita se tornou a principal base de apoio para as forças armadas norte-americanas no Golfo Pérsico (PRADOS, 2007). No entanto, após os ataques de 11 de setembro, as relações entre os dois países esfriam, com o parlamento dos EUA acusando Riad de pouca combatividade em relação aos grupos terroristas, e as críticas às violações dos direitos humanos no país ganhando força. Já do lado saudita, a negligência do governo George Bush em fazer avançar o processo de paz entre árabes e israelenses, assim como a invasão do Iraque causaram ceticismo em relação à aliança com os americanos. Contudo, a partir de 2004 os dois países se reaproximam, não só pelo esforço antiterrorista saudita e pelas reformas políticas promovidas por Abdullah, mas também pela perspectiva de retirada das tropas americanas do Iraque, e do papel estabilizador que os EUA querem que a Arábia Saudita desempenhe nesse país.

Apesar disso, após o breve distanciamento pós 11/09, os sauditas estão buscando reduzir sua dependência dos EUA, realizando uma política regional mais ativa e construindo novas parcerias inter-regionais, principalmente com os chineses. Em 2004, o ministro do petróleo saudita visitou a China, e, dois anos depois, os dois países assinaram cinco acordos bilaterais, entre eles um marco para a expansão de cooperação energética, cujo projeto principal é a expansão da refinaria chinesa de Qingdao com investimento saudita (JANES, 2009).

No âmbito regional, historicamente a política externa saudita orientou-se para uma preocupação bastante secular de manutenção do *status quo* através do equilíbrio de poder. A partir da elevação dos preços do petróleo em 2003, a diplomacia regional saudita se tornou mais assertiva, buscando a resolução do conflito árabe-israelense, a extinção do programa nuclear iraniano e o combate aos grupos terroristas. Ademais, os sauditas também desempenham um

1 Em setembro de 2010, de acordo com o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), a Arábia Saudita comprou 64 bilhões de dólares em equipamentos militares dos Estados Unidos.

papel notável em organizações regionais como a Liga dos Estados Árabes (Liga Árabe), o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) e a Organização da Conferência Islâmica.

Internamente, apesar da sua dinâmica produção de petróleo, a Arábia Saudita sofre com o aumento demográfico, com a pobreza e com altas taxas de desemprego. A situação é ainda pior quando analisamos as condições da juventude saudita. A pirâmide etária saudita revela uma notável concentração de jovens (60% está abaixo dos 24 anos), sendo que a taxa de desemprego entre eles alcança os 28,24%. No caso das mulheres, que sofrem restrições de caráter religioso, essa taxa alcança os 45,8%. Para impedir que essas mazelas sociais estimulem a revolta social, como ocorreu no Egito e na Tunísia, o rei Abdullah anunciou uma expansão notável do gasto público em habitação (US\$ 10,7bi) e do orçamento para seguridade social (US\$ 260mi). Além disso, permitiu as mulheres sauditas participarem de eleições municipais, e prometeu reduzir suas restrições de emprego. No entanto, parece improvável que essas reformas pontuais resolvam as graves carências sociais que sofre a população saudita, e enquanto o regime mostrar-se incapaz de atender essas demandas é possível que a contestação interna aumente ainda mais, colocando em questão a estabilidade do domínio da família Saud.

Política de segurança defesa saudita

A política de segurança e defesa da Arábia Saudita está orientada pela garantia de integridade territorial em um contexto regional complicado, reconhecendo seu território como extenso e pouco povoado e seu contingente militar como relativamente reduzido para os padrões da região. Além disso, a presença das mesquitas sagradas garante um componente simbólico à defesa do território, aprofundado pelo fato de a Arábia Saudita não ter sido subjugada pelas potências coloniais européias cristãs. Essa suposta inviolabilidade do território saudita tem se operacionalizado, diante dos escassos recursos humanos, com a aquisição continuada de equipamento militar de alta tecnologia através das receitas do petróleo.

Em relação ao aparelhamento e contingente de cada força, as Forças Armadas sauditas têm uma situação bem heterogênea. O Exército sofre de um processo de deterioração progressiva, com uma força mal-equipada de 75 mil ativos – bastante inferior à iraniana (350 mil), à iraquiana (160 mil) e à israelense (120 mil). Esse contingente é claramente insuficiente para assegurar a cobertura de todo o território saudita (que possui precárias conexões por terra), impossibilitando a adoção de tecnologias mais sofisticadas. Por outro lado, a Força Aérea saudita é seguramente a mais bem preparada do Golfo Pérsico. O contingente dessa força é de 34 mil ativos com equipamento de alta tecnologia, que garante capacidade de resposta imediata em todas as fronteiras do país.

A modernização da Força Aérea saudita foi acicatada pelas deficiências evidenciadas na Guerra do Golfo, em que os sauditas padeceram de sobre-dependência do suporte técnico estrangeiro, dificuldades de coordenação e comunicação, incompetência da inteligência e inabilidade de planejar operações em larga escala. Além do novo equipamento e de treinamento, essa força ganhou uma doutrina menos limitada, em que passa a assumir um leque maior de missões conforme se consolida como pilar da defesa saudita.

Além disso, a Marinha saudita está entre as mais desenvolvidas da região, com instalações modernas e um bom sistema de comando e controle. Tradicionalmente, a Marinha havia sido a menos financiada das forças, mas a crescente percepção de ameaça marítima, como os novos submarinos iranianos (classe Kilo) tem fomentado sua modernização acelerada. Outro impulso importante para a modernização naval é a dependência de rotas marítimas para a exportação de petróleo, o que motivou o desenvolvimento de uma marinha de guerra através, por exemplo, de três fragatas francesas La Fayette entregues a partir de 2002.

Do ponto de vista da segurança interna, o instrumento central da monarquia é a Guarda Nacional, herdeira dos exércitos tribais mobilizados por Abdulaziz Ibn Saud no início do século. As principais atribuições da Guarda Nacional seriam o combate a grupos terroristas e ao tráfico de drogas e armamentos,

no entanto, sob a insígnia do CCG e com a aquiescência de Washington, ela foi utilizada na repressão de minorias xiitas no Bahrein em 2011. Ademais, a Arábia Saudita também conta com uma polícia específica para a cogência das obrigações religiosas, os *Mutawwa*, que fiscaliza a abstinência de álcool, o jejum durante o Ramadã e outros deveres dos fiéis.

Em termos de capacidades estratégicas, os sauditas recorreram aos chineses em 1988 para aquisição de 50 Mísseis Balísticos de Alcance Intermediário (IRBM), após a recusa dos EUA em transferir esses recursos. Posteriormente, acredita-se que os mísseis sauditas foram evoluídos dos originais CSS-2 para os Dong-Feng 3 (DF-3A, atualmente em substituição por ICMB's na China) – o que significou um aumento do alcance para 2.400 km com 2.500kg de carga e um probabilidade média de erro circular de 1km (JANES, 2009). O raio de ação dos IRBM's sauditas cobre Israel, Iraque, Turquia e Irã. (cf. *Saudi Arabia's Ballistic Missile Force*, em geimint.blogspot.com).

Arábia Saudita e Irã após as revoltas de 2011

As revoltas ocorridas no mundo árabe em 2011 foram item prioritário na agenda securitária saudita. Garantir a estabilidade do reino prevenindo que as sublevações sociais alcancem com mais força a Arábia Saudita e impedir que os levantes das populações xiitas, principalmente no Bahrein, sejam bem sucedidos foram os objetivos que pautaram a política externa e de segurança da Arábia Saudita nos últimos meses.

As relações com o Irã são marcadas por desconfianças mútuas e tentativas de cooperação. Desde a revolução iraniana, o único período de relativa estabilidade das relações bilaterais foi entre 1997 e 2005, com o governo moderado de Khatami em Teerã. A eleição de Ahmadinejad em 2005 colocou de novo à tona as diferenças ideológicas com Riad, suscitando tensões a respeito das pretensões nucleares iranianas e sobre as ações encobertas iranianas em outros países da região, especialmente o Iraque. Em paralelo, os governos de Riad e Teerã mantiveram um padrão de cooperação em determinadas matérias, como o controle do crime organizado e do tráfico de opiáceos produzidos no Irã e transportados pela Arábia Saudita. Apesar de suas diferenças, os dois governos mantêm canais de diálogo próprios para debater as relações bilaterais, como ocorreu em maio de 2010 durante a cúpula da Organização da Conferência Islâmica. A principal motivação dos sauditas para negociar com os iranianos é o temor de uma escalada do conflito entre EUA e Irã, que poderia desembocar em mais um teatro de guerra e em maior presença estrangeira no Oriente Médio.

No entanto, nos últimos meses, a relação entre os dois países se deteriorou consideravelmente. Por um lado, os sauditas acusam o Irã de apoiar as revoltas xiitas na província oriental do reino, no Bahrein e no Iraque. Por outro, o ceticismo sobre uma aproximação com o vizinho aumentou em Teerã após divulgação de um diálogo em que o rei Abdullah pede ao embaixador estadunidense em Riad que os EUA destruam o programa nuclear iraniano.

Quanto às sublevações ocorridas nos demais países do mundo árabe, Riad adota posições bastante pragmáticas, em certos casos dando suporte aos rebeldes e em outros ajudando a reprimir os protestos. Em relação à guerra civil na Líbia, a Arábia Saudita agiu de acordo com os interesses das potências ocidentais, afirmando que a OPEP iria garantir o abastecimento normal de petróleo durante a crise, e, dando suporte à resolução da ONU que autorizava a zona de exclusão aérea no território líbio. A crise na Síria toma uma complexidade maior, visto que, a Síria e o Irã possuem uma estável aliança de longa data. Os iranianos deram suporte à Síria durante a crise no Líbano e na repressão a levantes da população sunita. Nos recentes protestos, os sauditas, os turcos e os americanos mostraram-se hostis ao governo do Presidente Bashar al Assad, deixando o Irã como o único aliado do atual regime. Desse modo, caso Assad consiga permanecer no poder, perceberá a maioria de seus vizinhos como ameaças e, inevitavelmente, se aproximará ainda mais de Teerã. Já no Bahrein, que possui metade de sua produção petrolífera *offshore* operada pelos sauditas e onde os protestos são protagonizados pela população xiita, a Arábia Saudita deu total apoio ao

regime da família reinante sunita Al Khalifa, enviando cerca de mil soldados e 150 tanques blindados para auxiliar a controlar as sublevações.

A “Primavera Árabe” está transformando a balança de poder no Oriente Médio e inflamou a rivalidade histórica entre Arábia Saudita e Irã, pois ambos temem as conseqüências que as revoltas podem causar, tanto em sua área de influência quanto no interior de seus regimes (EL PAÍS, 12/10/2011). O maior temor de Riad é que, com a retirada das tropas norte-americanas do Iraque e o fortalecimento das revoltas xiitas no Golfo Pérsico, Teerã se fortaleça de tal maneira que altere definitivamente o equilíbrio de poder na região, o que, aliado aos problemas socioeconômicos, ameaçaria a própria legitimidade interna do regime saudita.

Considerações Finais

A retirada das tropas norte-americanas do Iraque e as revoltas nos demais países do Oriente Médio tendem a tornar mais competitivas as relações entre Irã e Arábia Saudita, com os dois países disputando para assegurar sua área de influência na região. Nesse contexto, o recente redirecionamento da grande estratégia norte-americana em direção ao Pacífico reduz relativamente a centralidade da parceria com sauditas, sugerindo que a credibilidade dos EUA como garantidor externo do regime saudita é declinante.

No entanto, após as revoltas deflagradas no início de 2011, os líderes da Casa Saud estão cientes de que não mais poderão menosprezar a força das mobilizações populares e supor que ela permanecerá estática e submetida (ASIA TIMES, 2011). Atualmente, o ponto central para a segurança da monarquia é, mais do que conter a ameaça iraniana, que ela ainda possua a capacidade, mesmo com a diminuição do apoio norte-americano, de criar o consenso em torno de seu projeto de modernização conservadora, que compatibilize a ortodoxia religiosa com uma crescente abertura política, a estabilidade doméstica com a retração do aparelho repressivo e, como mediação entre essas tensões, a consecução de reformas socioeconômicas inclusivas. Caso contrário, pode-se assistir ao fortalecimento contestação antimonárquica, seja em seu viés liberal ou nacionalista pan-árabe, com conseqüências difíceis de conjecturar para o país e para a região.

Referências

- CEPIK, Marco & BORBA, Pedro. *Arábia Saudita: segurança, política externa e relações bilaterais com o Brasil*. Nota técnica produzida no âmbito do convênio APEX-UFRGS, junho/2011.
- FERABOLLI, Silvia. *A (Des) Construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no mundo árabe*. Dissertação de mestrado – UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- JANE’S (2009). *Saudi Arabia: country profile*. Disponível em: www.janes.com
- KHANNA, P. *O Segundo Mundo: impérios e influência na nova ordem global*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.
- LA PRIMAVERA ÁRABE INFLAMA LA RIVALIDAD HISTORICA IRANO-SAUDÍ. El País, 12 de outubro de 2011. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2011/10/12/actualidad/1318445522_494054.html
- NADER, et al. *Saudi-Iranian Relations Since the Fall of Saddam: Rivalry, Cooperation and Implications for U.S Policy*. Santa Monica: Rand Corporation, 2009.
- PILLA, Bruno. *Da grande parceria à emergência de tensões: as relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita (1945-2007)*. Monografia de Bacharelado do curso de Relações Internacionais, FCE/UFRGS, 2008.
- PRADOS, Alfred. *Saudi Arabia: current issues and US relations*. Washington: Congress Research Service, 2006.
- ROCHE, A. (2011). *A Primavera do mundo árabe sunita: o Islã árabe sunita entre o Wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica*. Conjuntura Austral, 2(7), pp. 3-1.

RAGE AGAINST THE HOUSE OF SAUD. Asia Times, 10 de março de 2011. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/MC10Ak01.html

SAUDI ARABIA'S BALLISTIC MISSILE FORCE. Disponível em geimint.blogspot.com, acesso em 05 de março de 2012.

SIPRI – STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. Disponível em: www.sipri.org

UK TRAINING SAUDI FORCES USED TO CRUSH ARAB SPRING. The Guardian, 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/28/uk-training-saudi-troops>

PAULO, Visentini. *Oriente Médio e Afeganistão: um século de conflitos*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

XIITAS SAUDITAS PROTESTAM NOVAMENTE POR MELHORES CONDIÇÕES. Rasheed's World, 31 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.rasheedsworld.com/br/2011/10/xiitas-sauditas-protestam-novamente-por-melhores-condicoes/>

RAGE AGAINST THE HOUSE OF SAUD. Asia Times, 10 de março de 2011. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/MC10Ak01.html

Resumo

O presente artigo analisa os principais desafios a política externa e de segurança da Arábia Saudita. Levando em conta as recentes revoltas ocorridas no mundo árabe, percebe-se que além da projeção iraniana, a ameaça de sublevações internas também se torna um item prioritário na agenda securitária saudita.

Abstract

This article analyzes the main challenges of Saudi Arabia's foreign and security policy. Considering the recent unrests in the Arab world, it is clear that, beyond de Iranian projection, the threat of internal riots also becomes a priority item on the Saudi security agenda.

Palavras-chave: Segurança Regional; Arábia Saudita; Irã

Keywords: Regional Security; Saudi Arabia; Iran

Recebido em 15/03/2012

Aprovado em 29/03/2012

